

Poliana Bezerra de Araújo Guimarães¹

Paula Campos de Castro²

RESUMO

Este artigo trata da cidade de Paraty, desde o Brasil colonial, e está fundamentado em grande parte baseado na obra de Laima Mesgravis. Neste contexto, destaca-se a localização estratégica do porto de Paraty, entre as Minas Gerais e o Rio de Janeiro durante o ciclo do ouro, o que elevou a cidade a um comércio crescente, prosperidade associada ao tráfico negreiro, produção de aguardente e café. A cidade passou por um longo período de decadência econômica, estagnação e isolamento. Este acontecimento, colaborou para sua preservação histórica e arquitetônica. Mais tarde, com a abertura da Rio-Santos (BR101), iniciou-se um novo tempo de esplendor, fomentado pelo turismo, presente até os dias atuais. Paraty é efervescência cultural, estimulada pelo intenso turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Paraty; Moda; Cultura; Janelas; História.

INTRODUÇÃO

Paraty é uma peculiar exuberância brasileira. Adiante, a imensidão do mar, cercada por uma tela verde montanhosa. Olhando para a cidade, uma profusão de cores presentes em suas portas e janelas, colorem as linhas simples do belíssimo conjunto arquitetônico colonial, dando a cidade o título de Patrimônio Histórico Nacional.

Esta pesquisa consiste em um resgate histórico desde o Brasil colonial, em grande parte baseada na obra de Laima Mesgravis. Com referências

¹ Graduada em Design de Moda pelo Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora.

² Pós-Graduada em Moda, Cultura da Moda e Arte, professora nas áreas de graduação do Centro Universitário Estácio Juiz de Fora.

encontradas em “Villa de Paraty”, o autor Cássio Cotrim aborda aspectos importantes sobre a cidade. Naquele cenário, a localização estratégica do porto de Paraty, entre as Minas Gerais e o Rio de Janeiro durante o ciclo do ouro, elevou a cidade a um comércio crescente, prosperidade associada ao tráfico negreiro, produção de aguardente e café. A cidade passou por um longo período de decadência econômica, estagnação e isolamento. Este acontecimento, colaborou para sua preservação histórica e arquitetônica. Mais tarde, com a abertura da Rio-Santos (BR101), iniciou-se um novo tempo de esplendor, fomentado pelo turismo, presente até os dias atuais. No capítulo 10 da presente pesquisa, ressalta-se a arquitetura colonial paratiense, utilizando informações e citações do artigo “Como inventar tradições: A poética de Lúcio Costa e a formação do acervo colonial de Paraty, RJ”. Paraty é efervescência cultural, estimulada pelo intenso turismo. Neste contexto, há uma mistura de informações que se encontra com a identidade e cultura local. Para uma melhor compreensão, o capítulo 11 possui citações do sociólogo Stuart Hall, retiradas de sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”. Relacionada à identidade, destaca-se a moda, sua pluralidade e diversos significados pontuados por Lars Svendsen em “Moda: uma filosofia”.

Pesquisas foram realizadas para uma compreensão histórica, associada à identidade cultural e moda, respaldando uma coleção de moda intitulada: Da janela vi Paraty. A coleção desenvolveu-se baseada nos elementos envolvidos no presente estudo e memórias afetivas de uma viagem à cidade, realizada em 2017.

Paraty tem história. O mar abraça suas cores, é beleza que mora em linhas simples, encontro de natureza e pessoas, retrato guardado de um Brasil bonito.

2 EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA E A CHEGADA AO BRASIL

Falar de uma cidade como Paraty, que possui um preservado conjunto arquitetônico colonial, nos remete a sua importância no período em que o Brasil era chamado de colônia; época que compreende de 1500 a 1822. Portugal, nação europeia que “descobre” as terras tupiniquins, detinha plenos poderes políticos, administrativos e econômicos, explorando riquezas em benefício próprio.

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, Portugal adquiriu experiência no comércio de longa distância. Essa maturidade comercial também foi favorecida pela

aproximação econômica de Portugal com a parte islâmica mediterrânea. A localização geográfica portuguesa contribuiu para o fascínio pelas aventuras no mar, encontrando-se próximo às ilhas atlânticas e a costa d'áfrica. No decorrer do século XV, Portugal mantinha o reino em unidade, menos propenso a competições e confrontos em relação à França, Inglaterra, Espanha e Itália, envolvidos em disputas dinásticas.

A expansão comercial portuguesa gerava interesse em vários grupos sociais como comerciantes, na tentativa de ampliar os negócios; a coroa pretendia aumentar os rendimentos; os membros da igreja católica, visavam cristianizar novos povos, para dessa forma, alcançar cargos elevados dentro da corte portuguesa. A busca por ouro e especiarias, eram também motivos que incentivavam a expansão marítima lusitana. O metal precioso era alvo de cobiça e as especiarias estavam associadas às preferências alimentares da época, passando a ser consumida em larga escala.

Quando Vasco da Gama retornou de viagem a Portugal, despertou o entusiasmo local para desbravar os mares em 1499. Meses seguintes, em 1500, partiu do rio Tejo em Lisboa, uma esquadra portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral, com destino às Índias. Após passar inicialmente por Cabo Verde, a esquadra distancia-se da costa africana, até vislumbrar as terras brasileiras em 21 de abril de 1500. Os portugueses ancoraram no litoral da Bahia, em Porto Seguro.

(História do Brasil, Boris Fausto, 1996 <http://limendi.com.br/wp-content/uploads/2015/10/historiadobrasil.pdf>)

2.1 - Breve resumo do Brasil colônia

Dentre diversas terras que vinham sendo descobertas, a descrição detalhada e primorosa do português Pero Vaz de Caminha a respeito do Brasil merece grande destaque. Natural de Porto, a bordo da esquadra comandada por Cabral, o escrivão demonstra admiração a respeito do território desconhecido que estava diante de seus olhos. Segue um trecho da carta enviada ao Rei Dom Manuel I, mencionando observações sobre os índios. (VEJA, revista 2000, nº17, especial ano 33 – A aventura do descobrimento)

[...] A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir sem mostrar suas vergonhas. E estão

acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. Traziam ambos os beijos de baixo furados e metidos por eles ossos de osso branco. Os cabelos seus são corredios, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia uma maneira cabeleira de penas de ave amarela, mui basta e mui cerrada. O capitão, quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar de ouro mui grande no pescoço. E nós outros, que aqui na nau com ele imos, assentados no chão por essa alcatifa. Entraram e não fizeram nenhuma menção de cortesia nem de falar ao capitão, nem a ninguém. Porém, um deles pôs o olho no colar do capitão e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata. [...] (Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha)

Os portugueses encontraram os índios nativos das terras “recém - descobertas”, vivendo nus, com pinturas corporais e adereços feitos de materiais naturais, retirados das florestas. A princípio, o contato dos europeus com os índios brasileiros, realizou-se de forma pacífica, baseado em troca de bugigangas como colares, panelas, facas e etc. Os nativos lhe davam corte, transporte de madeiras e produtos das florestas que eram levados a Portugal. O tão desejado ouro e riquezas preciosas ainda não haviam sido encontrados, porém o sistema de trocas funcionou por um tempo, levando alguns homens portugueses a se unirem com mulheres indígenas, envolvendo-se nas tribos.

Os colonos desenvolveram agricultura, construíram casas e povoados, obrigando os índios a trabalharem. Isso não era interessante para os nativos, já que o faziam apenas para suprir suas necessidades; não reconheciam os chefes e nem os motivos de acúmulos de produtos, não aceitando as imposições dos europeus; organizaram levantes e ataques defensivos.

A igreja católica pretendia expandir seu rebanho, convertendo novos povos por toda parte. Com esse objetivo, os Jesuítas, padres vindos de Portugal, estabeleceram-se na colônia, para ensinar a língua portuguesa e as práticas cristãs. Tinham a responsabilidade de catequizar e organizar os índios em missões. A catequização originou conflitos entre colonos e jesuítas. Uma vez que, os colonos tinham a pretensão de escravizar os nativos; e percebiam nos jesuítas uma forma de impedimento relacionado ao uso da força no trabalho indígena.

As missões se encontravam em regiões distantes das áreas urbanas, pelo fato de que os índios deslocavam-se para o interior, na tentativa de fugir da escravidão imposta pelos colonos. O processo de catequização interferiu na

identidade cultural indígena, resultando em uma desconstrução de valores dos nativos. Ao organizar e catequizar os índios, os jesuítas colaboravam com a coroa portuguesa na evolução da expansão e colonização; porque ao defender os nativos da escravidão garantiam a ampliação de capital do Estado e do grupo de tráfico negreiro, uma das maiores fontes de renda da época. Os Jesuítas também desempenhavam o papel de guardiões da moral, e manutenção dos colonos em obediência à fé católica. (SILVA, 1995)

No entanto, quando a cana de açúcar se tornou o principal produto a ser comercializado, a colônia deveria dar lucro de qualquer maneira. Os índios pacificados nas missões sofriam ataques dos bandeirantes paulistas e eram forçados aos trabalhos pelos colonos. Deste contato de brancos e nativos, surge uma miscigenação no Brasil, dando início a uma grande diversidade étnica e cultural. (MESGRAVIS, 2017). O crescimento da produção açucareira, necessitava de braços para desenvolver tal atividade. Havia uma alternativa lucrativa para o trabalho nas lavouras; a utilização do trabalho de negros escravos africanos. Em relação os índios, os negros apresentavam maior resistência física e natural em relação a doenças e epidemias. Já estavam habituados em suas culturas a serem subordinados a chefes e superiores.

A partir do século XV, o continente africano, fornece grandes quantidades de ouro, gerando cobiça e interesse econômico nos países europeus, levando a um grande comércio de escravos altamente lucrativos a navios comerciantes. Os escravos africanos negros eram capturados por meio de subterfúgios e enganos ou comprados das mãos de reis e chefes tribais que costumavam vender prisioneiros de guerra, rivais políticos, além de seus próprios parentes e até filhos. (MESGRAVIS, 2017)

O transporte era feito sob condições pífias e desumanas. Muitos morriam de fome ou contraíam doenças nos porões imundos dos navios. Chegando ao Brasil, eram submetidos a trabalhos forçados, castigos, torturas físicas e corporais. Os escravos trabalhavam nas lavouras, construções, transporte de cargas e pecuária.

Para produzir a cana de açúcar era necessária a construção de engenhos. O engenho era o centro de produção onde estavam localizados os canaviais, a fábrica do açúcar que contava com a moenda, a casa das caldeiras e casa de purgar; a casa grande, a senzala, a capela, a escola e moradia dos

trabalhadores livres, como feitores, lavradores e etc. Alguns engenhos produziam apenas cachaça. O açúcar era transportado para Portugal, e em seguida, era refinado na Holanda. (SILVA, 1995)

Paraty, cidade tema deste estudo, foi um dos principais polos de produção de cachaça artesanal no Brasil. A destilação foi muito importante no processo econômico e identitário da cidade. Com auxílio de mão de obra escrava africana e indígena, a cana era plantada nos morros. Os produtores de aguardente faziam uso da cachaça, como moeda de troca de escravos na África. Mais adiante, no ciclo do ouro, Paraty se estabelece como rota de mineradores, escravos e comerciantes. Este momento foi favorável para a ampliação e fortalecimento da indústria de aguardente no mercado.

Em 1790, no fim do ciclo do ouro, existia em Paraty, 87 engenhos de fabricação de aguardente. (Mapa da cachaça <http://www.mapadacachaca.com.br/artigos/historia-das-cachacas-de-paraty/>)

2.2 - Atividades econômicas na colônia

Com os índios, os colonos aprenderam procedimentos apropriados para a agricultura em floresta, conheceram os caminhos, as plantas, animais locais e a necessidade de hábitos higiênicos, como banho diário. Como meio de transporte, eram utilizados cavalos, burros e gado bovino, que logo se reproduziram e foram trazidos da Europa pelos colonizadores.

Nos locais onde os colonos estabeleciam-se, o gado era criado solto, não havendo uma condução precisa, expandindo a pecuária de acordo com as condições naturais. Dessa forma, origina-se um termo bem característico: O vaqueiro. Usado para identificar proprietários e pessoas que lidavam com gado. As casas e o estilo de vida dos pecuaristas eram simples, sem muitos recursos financeiros.

Inicialmente, os produtos comercializados e exportados da colônia, eram madeiras, penas, pássaros e macacos. O maior destaque dentre estes, era o pau-brasil; madeira muito cobiçada na Europa para fabricação de móveis, além da tinta que soltava, sendo aproveitada na indústria têxtil. Durante os séculos XVI e XVII, o pau-brasil só poderia ser explorado mediante ao pagamento para a coroa

portuguesa do Quinto; imposto que representava 20% do valor colhido e vendido. (MESGRAVIS, 2017)

Os indígenas plantavam, colhiam e usavam o algodão para confeccionar materiais como sacolas e redes. Os colonos logo passam a utilizar roupas de algodão local, com custo mais barato que as importadas. Os fios de algodão também eram usados como moeda de compra e pagamento de impostos. As capitanias de Pernambuco e Maranhão tinham em seu benefício o clima e solo favoráveis para a produção do algodão, expandindo e exportando o produto, que manteve seu crescimento até o final do período colonial. (Tokdehistoria <https://tokdehistoria.com.br/tag/algodao/>)

3 O CICLO DO OURO

No final do século XVII, o ritmo das exportações do açúcar brasileiro começa a diminuir. A Holanda estava produzindo o mesmo produto na América Central, por um preço inferior. Desse modo, o consumidor europeu, escolheu o açúcar holandês, acarretando uma crise no mercado açucareiro da colônia brasileira. (https://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/crise_acucar.htm)

Diante disso, Portugal procurou novas formas para obtenção de lucros. Encontrar metais preciosos era desejo e preocupação dos colonizadores. Ao fim do século XVII, motivados pela crise econômica na colônia, grandes esforços foram realizados com a finalidade de encontrar ouro. A coroa ordenou em especial aos bandeirantes paulistas, que procurassem o metal precioso a partir de 1670. As primeiras descobertas surgiram em 1690, em Minas Gerais; seguidas por outras regiões brasileiras como Mato Grosso, Goiás e Bahia. (CAMPOS, 1999)

Brasileiros de vários locais da colônia e até portugueses, migraram para as regiões auríferas, com o objetivo de enriquecimento rápido. No entanto, para realizar a exploração do ouro, eram necessários altos investimentos, mão de obra escrava, compra de terras e equipamentos. Logo, apenas grandes proprietários rurais e comerciantes importantes, puderam investir neste mercado. (MESGRAVIS, 2017)

A sede insaciável do ouro estimulou a tantos a deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das minas, que dificilmente se poderá dar conta do número de pessoas que

atualmente lá estão. Contudo, os que assistiram nelas nestes últimos anos por largo tempo, e as correram todas, dizem que mais de trinta mil almas se ocupam, umas em catar nos ribeiros do ouro, e outras em negociar, vendendo e comprando o que se há mister não só para a vida, as para o regalo, mais do que nos portos do mar. Cada ano, vêm nas frotas quantidade de portugueses e de estrangeiros para passarem às minas. Das cidades, vilas e recôncavos e sertões do Brasil, vão brancos, pardos e pretos, e muitos índios, de que os paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus, seculares e clérigos, e religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil convento nem casa. (ANTONIL, Cultura e opulência no Brasil, São Paulo, Companhia Editora Nacional, S.D., 3ª parte, capítulo V.)

Haviam sido criados dois caminhos principais para dar acesso a Minas Gerais. Um deles favorecia quem chegava das costas de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro; também portos menores como de Angra do Reis e Paraty. Da costa do Rio de Janeiro, havia três caminhos importantes. O caminho velho tinha Início em Paraty, atravessava a vila de Taubaté, onde o caminho dividia-se cruzando a serra da Mantiqueira, seguindo para distritos mineiros. Outra opção iniciava-se em Santos, indo por São Paulo até Taubaté; somando ao primeiro caminho até Guaratinguetá.

O tempo de viagem da costa até as comunidades era estimado em um mês. (docs.ufpr.br/~lgeraldo/textosbrasil/russelwood.pdf)

Os caminhos por onde passavam as riquezas extraídas de Minas a Portugal, atualmente são chamados de Estrada Real. Dividiam-se em três, representados no mapa acima. Dos diamantes (Diamantina a Ouro Preto) em azul, o Caminho do ouro (em Paraty) em vermelho e o Novo (Rio, Ouro Preto e Diamantina) em amarelo.

3.1 - Mudanças e desenvolvimento urbano

As regiões auríferas no Sudeste cresceram e desenvolveram-se rapidamente. A coroa portuguesa decidiu alterar a capital colonial de Salvador para o Rio de Janeiro, pretendendo manter a capital próxima ao então atual centro de desenvolvimento econômico. Nas regiões de mineração era cobrado por Portugal o quinto (20% do ouro conseguido). Este e mais alguns impostos geravam insatisfações nos habitantes.

Ante a mineração, atividade geradora de cobiça e altos interesses, a agricultura não era mais tão interessante; porém, neste contexto, se estabelece e

torna-se lucrativa, graças a seu fornecimento necessário perante a formação de aldeamentos e vilas.

Desde o início da atividade mineradora, ficou evidente que o modelo de povoamento agora teria de ser urbano e não mais disperso, como nas regiões em que as principais atividades econômicas eram a agricultura ou a pecuária. Nas Minas Gerais, surgiu assim um aglomerado de vilas e arraiais onde se desenvolvia uma vida social mais variada e intensa que em outras partes da colônia. Ali se instalaram diversos burocratas, funcionários régios e autoridades locais, além de mineradores, comerciantes, artífices, artistas e religiosos. (MESGRAVIS, 2015, p 85)

3.2 - Sociedade e cultura

As riquezas do ouro não se restringiam apenas a um grupo social. Este ciclo promoveu desenvolvimento cultural e passaram a se destacar o trabalho e atuação de comerciantes, artesãos, padres, carpinteiros, arquitetos e intelectuais. Suas obras foram chamadas de Escola mineira ou Barroco mineiro. Nas minerações alguns escravos conseguiam junto a seus senhores, alguma importância e até suas alforrias; eram chamados de negros alforriados, forros.

O barroco foi engrandecido pela mistura de elementos culturais indígenas e africanos.

De fato, diversos africanos e mestiços se destacaram como artesãos e artistas em Minas Gerais. O que viria a ser mais valorizado e famoso foi João Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho, filho de uma negra e de um artista português. Ele produziu inúmeras estátuas de santos em madeira e em pedra de sabão, sendo o conjunto de profetas do adro de Congonhas do Campo o mais belo exemplo de sua obra (MESGRAVIS, 2015, p 87)

Nos primórdios da mineração, Portugal proibiu atuações de religiosidade nas Minas Gerais. Nas primeiras descobertas do ouro, alguns padres questionavam o monopólio do ouro. Portanto, com a chegada da corte no Brasil, as ordens religiosas puderam atuar. No entanto, eram padres leigos sem ligação direta com a igreja, pessoas de diferentes grupos sociais; homens da elite, escravos, homens livres, brancos e pardos.

Cada irmandade tinha um santo, do qual eram devotos e dedicavam-se. Realizavam serviços que a igreja não poderia alcançar, promoviam a fé, obras de caridade, festas religiosas, financiamento na construção e manutenção de igrejas.

Dentre influências portuguesas e originárias de misturas brasileiras, o estilo barroco se destacou com construções religiosas. Algumas cidades como Recife e Salvador, obtiveram influências barrocas. No entanto, este estilo atingiu seu

ápice em Minas Gerais. (<http://turismo.culturamix.com/cultural/o-barroco-em-minas-gerais>)

4 APRESENTANDO PARATY

Porque Paraty é a cidade onde os caminhos do mar e os caminhos da terra se encontram, melhor, se entrosam. As águas não são barradas, mas avançam cidade adentro levadas pela lua, e o reticulado de ruas, batizado pelas igrejas Nossa Senhora dos Remédios e as capelas das Dôres, Rosário e Santa Rita, converge para o mar (COSTA, In, DPHAN, p. 78)

A cidade de Paraty, situada no litoral sul do Rio de Janeiro, está localizada entre a serra do mar e o oceano atlântico. O nome Paraty, pode significar “peixe branco” ou “mar branco” e pertence a família linguística Tupi guarani, uma das mais importantes da América do Sul que compreende diversas línguas. Quando os portugueses chegaram ao litoral brasileiro, várias tribos falavam línguas encontradas nessa família.

Paraty possui um dos conjuntos arquitetônicos mais preservados do Brasil colônia. A cidade atrai turistas de todas as partes do Brasil e do mundo, que encantam-se com sua beleza arquitetônica, rico acervo histórico, cercada de mata atlântica, belíssimas praias e ilhas. O centro histórico é tombado como patrimônio histórico e artístico nacional. Caminhando pelas ruas que contém um calçamento de pedras pé de moleque, bem irregulares, nota-se grande efervescência cultural, pluralidade de estilos, músicas, ateliers de arte, gastronomia, artistas de rua, cores, lojas de souvenirs e diversos idiomas que se misturam em meio às pessoas, pelos caminhos tortuosos de Paraty. Baseados em pesquisas e indícios de símbolos ligados à maçonaria vistos nas ruas e construções mais antigas. A maçonaria instalou-se na cidade no início do século XVIII. (Paraty.com.br)

No entanto, há uma diferenciação entre símbolos maçônicos e não maçônicos usados pela maçonaria no adorno de suas lojas e obras.

[...] negamos a ideia de que os desenhos ornamentais dos casarões sejam símbolos maçônicos. Tais desenhos, certamente deixados por maçons, mostram apenas ornamentos também utilizados pelas lojas maçônicas em seu culto ao Grande Arquiteto do Universo [...](COTRIM, 2012, p.165)

No início do século XVII, a cidade contava com um arruador chamado Antônio Fernandes da Silva; cuja função era a de organizar a construção de ruas e casas de Paraty. Antônio foi o responsável pelo traçado “torto” das ruas, levando ao

desencontro nas esquinas. Existem algumas explicações para este fato. Uma delas está relacionada à distribuição da entrada de sol igualmente entre as casas e evitar o vento encanado nas residências. (Paraty.com.br)



Casarão em Paraty -símbolos geométricos (Google imagens)

O cheiro de mar está presente na cidade, que oferece aos observadores, belíssimas igrejas, charmosos sobrados e casas. A Igreja de Santa Rita foi edificada em 1722 por pardos livres. Possui arquitetura jesuítica. Atualmente, funciona como o Museu de Arte Sacra de Paraty. É um dos cartões postais mais icônicos da cidade. (http://www.paraty.com.br/igreja_santarita.asp)

Esta cidade foi muito importante no período em que o Brasil era chamado de Colônia, posse da coroa portuguesa. O porto de Paraty chegou a ser o segundo mais importante do país, atrás apenas do porto de Santos. A prosperidade da cidade esteve relacionada ao contrabando de escravos iniciado em 1660 e em seguida, a descoberta do ouro nas Minas Gerais; era através do porto de Paraty que o metal precioso embarcava para o Rio de Janeiro.

4.1- 200 Anos de contrabando escravo

A cidade de Paraty foi fundada em 1667, no final do século XVI. Sob jurisdição do Estado do Rio de Janeiro, prestigiada pelo governador mais importante do império colonial Salvador Corrêa, a então Villa de Paraty torna-se independente administrativamente de Angra dos Reis, resultando assim, em um acesso mais fácil, pelo caminho já conhecido dos indígenas, que facilitaria o contrabando de escravos, tornando-se rota do tráfico não autorizado.

Entre 1693 e 1698, não existindo uma data precisa, o ouro foi descoberto pelos paulistas. Esta descoberta causou mudanças na economia e vida da cidade de Paraty. Os escravos que trabalhavam nas minas, agricultura e transporte de cargas, desembarcavam em Paraty. Em consequência do intenso comércio e grandes quantidades de ouro que transitavam por Paraty, era comum a cobiça de piratas franceses, levando os paratienses a negociar com os mesmos, resultando em um cenário altamente contrabandista. O comércio de contrabando de escravos esteve presente em Paraty até o século XVIII. Nos anos em que as quantidades de ouro eram elevadas, a Villa cresceu e desenvolveu-se. A construção de igrejas, fortificações, desvio de rios para melhorar o acesso navegável a villa e caminho já transitável por animais, demonstrava a evolução local já na primeira metade do século XVIII. (COTRIM, 2012)

A costa litorânea da Ilha Grande era o local preferido pelos traficantes para o contrabando e para a recuperação dos escravos, pois a região oferecia as seguintes vantagens: uma imensa quantidade de pequenas ilhas que auxiliavam os “negreiros” a se esconder da patrulha britânicas praias desertas que facilitavam o desembarque dos cativos e a relativa proximidade com as ricas fazendas de café do vale do Paraíba.

São raros os documentos com notícias do tráfico de Paraty, pois não interessavam aos paratienses, nem aos brasileiros de um modo geral, as denúncias contra essa atividade ilegal (...) ao ler esses documentos, poderemos notar a facilidade oferecida pela região aos contrabandistas e o uso de embarcações de bandeiras dos Estados Unidos e de Portugal (não sujeitas à convenção de 1826 entre o império do Brasil e a Grã-Bretanha). A autorização para que a embarcação prosseguisse viagem podia ser conseguida em Paraty ou em São Sebastião, concedida pelos vice-consulados de Portugal estabelecidos nessas localidades quase que somente para essa função. (COTRIM, 2012, p.49)

4.2 - Ascensão econômica e cultivo do café

As primeiras plantações de café surgiram no meio da cidade do Rio de Janeiro. Esta agricultura adaptou-se melhor ao clima das terras do Vale do Rio Paraíba do Sul, em cidades fluminenses e paulistas.

No início do século XIX, Paraty foi favorecida economicamente pelo café. Ferramentas, vestuário e objetos de luxo chegavam do Rio de Janeiro pelo mar de Paraty; até as terras do vale. O transporte destes artigos era realizado por tropas de mulas. Escravos também eram desembarcados, estratégia dos senhores para fugir

de tributos, reduzindo o valor da mercadoria humana. As atividades comerciais ligadas ao café, lojas, frete de barcos no porto envolvidos no tráfico, eram o que fomentavam a economia da cidade.

A produção de aguardente era referência de qualidade em Paraty. A maior parte da produção era usada como moeda de troca de escravos na África. Em 1850, com o fim do tráfico, as vendas caem bruscamente, restringindo-se ao mercado brasileiro. (COTRIM, 2012)

5 A FAMÍLIA REAL NO BRASIL E ABERTURA DOS PORTOS

Em 1807 o trono português era comandado por um príncipe regente, Dom João, que reinava representando sua mãe, Maria I, considerada louca; incapaz de governar. Neste período Napoleão Bonaparte, imperador francês, ostentava seguidas vitórias e conquistas, humilhando as nações europeias. Apenas a Inglaterra, protegida pelo canal da Mancha, não havia se submetido as forças de Napoleão. Os ingleses haviam se fortalecido nos mares, após sua marinha de guerra destruir esquadras da Espanha e França. Oferecendo oposição, Napoleão sentencia o bloqueio continental, impedindo o comércio europeu de negociar com os britânicos.

Portugal, aliado da Inglaterra, era o único país europeu que resistia às imposições do imperador francês. Diante da pressão das tropas napoleônicas que estavam prestes a destruir o príncipe regente, Dom João decide embarcar para o Brasil, levando consigo a família real, parte da nobreza e tesouros da coroa. Para garantir proteção no deslocamento da corte ao Brasil, Dom João assina um acordo com a Inglaterra, uma espécie de troca, efetuando a abertura dos portos do Brasil no comércio com estrangeiros. (Revista superinteressante, publicada em 30/09/217).

Este acordo beneficiaria diretamente a Grã Bretanha, que vendia seus produtos a preços inferiores do que os efetuados em Portugal, no então bloqueio comercial. Tal acontecimento contribuía para o crescimento e desenvolvimento das cidades portuárias, como Paraty. No entanto, uma situação complicada aconteceu neste cenário. O Brasil necessitava exportar grande quantidade de produtos, com baixo valor agregado, para equilibrar os industrializados importados de alto valor, associado a tecnologia presente nos mesmos. (COTRIM, 2012)

6 O INÍCIO DO IMPÉRIO E FIM DO TRÁFICO NEGREIRO

Após 13 anos, Dom João regressa a Portugal. Seu objetivo era deixar para seus filhos o trono de Portugal e do Brasil. No fim de 1822, nasce o Brasil império.

O Brasil dependia dos britânicos para o suporte naval, econômico e frota armada. Terminando 1826, Dom Pedro I estava pressionado pelo rei George IV, ante de uma convenção que pretendia dar fim ao tráfico de escravos. Segue aqui o que estava no artigo primeiro: “Acabados três anos depois da troca das ratificações do presente tratado, não será lícito aos súbditos do império do Brasil fazer o comércio de escravos na costa d’África, debaixo de qualquer pretexto, ou de maneira qualquer que seja. E a continuação deste comércio, feita depois da dita época por qualquer pessoa súbdita de sua Majestade Imperial, será considerado e tratado de pirataria” (Convenção de 1826)

Havia uma insatisfação em relação a esta convenção, por parte do império; já que através do tráfico, a mão de obra escrava fazia-se essencial nas lavouras, produção de cana de açúcar e exportação. Com apoio do governo, os traficantes encontravam meios de enganar a fiscalização britânica.

Os cofres do Brasil estavam enfraquecidos. Precisando de dinheiro, o ministro Manuel Alves Branco, determina o aumento das tarifas sobre os produtos estrangeiros. Os britânicos eram beneficiados com somente 15% sobre o valor dos produtos em razão do tratado de 1810. Descontentes com o aumento dos tributos em até 60%, a perda de vantagens nos portos brasileiros, os britânicos fazem valer com afinco, a convenção antitráfico.

Por uma lei aprovada pelo parlamento de Londres em 8 de agosto de 1845, os navios de guerra britânicos estavam autorizados a medidas radicais de apresamento de todo e qualquer navio negreiro. A lei permitia que seus tripulantes fossem presos, julgados e condenados por crime de pirataria, com a consequente perda de suas embarcações e de sua liberdade. (COTRIM, 2012, p 44 e 45)

Perseguidos por embarcações britânicas os comerciantes de escravos logo entenderam que muito arriscada se tornara essa atividade e previam o fim do tráfico que rapidamente aconteceria.

Os produtores de café endividaram-se ao estocar escravos. Os traficantes emprestavam dinheiro aos cafeicultores que eram a elite econômica da época. Os

mesmos não conseguiam pagar tais dívidas e perdiam suas fazendas hipotecadas como garantia de empréstimos. Ciente da importância de manter credibilidade com bancos ingleses; reconhecendo a decadência dos fazendeiros, chegava o momento de acabar com o tráfico. Em 4 de setembro de 1850, a lei Eusébio de Queirós foi aprovada, proibindo o fim do tráfico de escravos. (COTRIM, 2012)

7 PARATY: DO DECLÍNIO AO RENASCIMENTO

Paraty atendia aos traficantes vendendo aguardente, café, arroz, feijão e tecidos de algodão. Diante da lei que proibia o tráfico, finalizando o contrabando de escravos, o comércio de Paraty perdeu os consumidores de seus produtos, uma vez que os contrabandistas que residiam na cidade optaram por alterar sua moradia para o Rio de Janeiro visando investir da melhor maneira, as economias que possuíam. Conseqüentemente, as vendas no comércio da cidade, despencaram na ausência de moradores mais prósperos e não dispunham de dinheiro para reformar ou reconstruir as casas e sobrados da vila; originando a preservação da cidade pela pobreza. (COTRIM, 2012)

Somado a este fato, em 1877 foi concluída a ligação ferroviária entre São Paulo e Rio de Janeiro. Desde então, a ferrovia levou café do vale do Paraíba diretamente ao Rio, para ser exportado à Europa. Este meio de transporte era ágil e econômico em relação às cargas trazidas em mulas. Fazendo uso da ferrovia, não havia a necessidade de passar pelo porto de Paraty; acarretando inatividade e monotonia inconvertíveis. (Riodejaneiroaqui.com)

Nas lavouras de café paratienses, a manutenção do solo para obtenção de safras era escassa e não dispunham de técnicas agrícolas aprimoradas. Esses fatores contribuíram para a queda de qualidade e produção do café, ocasionando uma grande ruína regional, uma vez que o café paulista ganhava mercado em qualidade e quantidade.

A construção da estrada de ferro D. Pedro II simbolizou o isolamento de Paraty. Este episódio foi determinante para o período de maior estagnação da cidade; já que seus caminhos e trilhas foram deixados de lado tornando-se praticamente intrafegáveis em meio a circulação de veículos militares em direção a São Paulo, momento da revolução de 1930. Entretanto, justamente este período “ausente” da cidade, preservou a arquitetura e costumes da população paratiense. O

atual conjunto histórico de Paraty é aproximadamente o equivalente ao dos anos 1870 ou 1880, apresentando casas construídas no tempo do império, sob um padrão construtivo do período colonial.

Com a ligação ferroviária até Barra Mansa e abertura da rodovia Rio-Santos, a cidade de Angra dos Reis, perde parte de seu patrimônio arquitetônico relacionado ao fato de que os moradores mais pobres construíram suas casas sobre os morros, alterando a paisagem angrense. Pressupondo perdas e mudanças na paisagem paratiense provocadas pela Rio-Santos, o arquiteto belgo Frédéric de Limburg Stirum elabora um projeto urbanístico para Paraty. Este planejamento pretendia separar o centro histórico dos demais bairros. A proposta de Frédéric foi criticada por ser considerada elitista, porém auxiliou como referência na preservação da paisagem de Paraty. Deste projeto, Paraty herda beneficentemente a curva da Rio-Santos que passa longe do centro histórico, garantindo sua preservação. (COTRIM, 2012)

O trecho da Rio-Santos BR 101 proporciona a Paraty um novo momento na história da cidade fomentado pelo turismo. Diversos aspectos cativantes existentes como conjunto arquitetônico colonial, ilhas, florestas, praias atraíram pessoas a conhecer a cidade. O arquiteto e historiador Carlos Lemos menciona “[...] o turismo nasceu em volta de bens culturais paisagísticos e arquitetônicos preservados [...]”. (LEMOS, Carlos, 1981, p. 30)

8 TURISMO E EFERVESCÊNCIA CULTURAL EM PARATY

Em meados do século XX, ocorreram algumas alterações no perímetro urbano paratiense. O turismo da cidade atraiu visitantes, artistas e intelectuais que buscavam inspiração e cineastas que mostravam a cidade em filmes.

Consolidou-se uma associação de culturas e relações sociais tradicionais somados à busca por novas alternativas de vida. O comércio revitalizou-se, novos moradores adotaram Paraty como meio de vida. Tornaram-se proprietários de negócios, transformando o centro histórico num papel socioeconômico, onde o comércio voltava-se para bens exclusivos, consumidores de alta renda. Em 1990, Paraty não é apenas vista como cidade pacata e simplicidade marcada pelo isolamento, mas de revitalização de suas ruínas, conhecida como “novo lugar de

cultura”. (Apropriações e percepções sobre o bairro histórico de Paraty-RJ/Revista CPC SP, 2016, p.118 a 144)

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN) é uma autarquia federal veiculada ao ministério da cultura, que responde pela preservação cultural brasileira. Cabe a este órgão proteger e promover os bens culturais do país. (Portal iphan.gov.br)

A cidade foi, primeiro, elevada a Monumento Estadual do Estado do Rio de Janeiro por meio do Decreto-lei Estadual n. 1.450, de 18 de setembro de 1945.

Em 13 de fevereiro de 1958 foi tombado pelo Iphan, em nível federal, o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Cidade de Paraty e, separadamente, o prédio da Santa Casa; os dois foram inscritos nos livros do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no de Belas Artes.

Em 1966, todo o município foi elevado a Monumento Nacional por meio do Decreto-lei n. 58.077, de 24 de março. Em 01 de março de 1974, novo tombamento pelo Iphan, incluindo o entorno do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Município de Paraty, inscritos nos Livros do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no das Belas Artes, volume I.

A elevação a monumento nacional e o tombamento do município de Paraty fizeram parte de um esforço para preservar o conjunto arquitetônico e sua paisagem envoltória, ameaçados pela iminente expansão da cidade. (Apropriações e percepções sobre o bairro histórico de Paraty-RJ/Revista CPC SP, 2016, p.123)

9 ARQUITETURA COLONIAL DE PARATY

O passado é sempre um projeto; o passado não é algo que aconteceu. É um projeto que você arremessa para o futuro, e você escolhe suas armas para o arremesso. O campo da preservação é especialista em certos tipos de arremesso, que vai nos dar, um passado mítico. É sempre mítico. Então a pergunta que se deve fazer é que tipo de arremesso, que tipo de mito? (WIGLEY, M. In. Ruby, 2007, s/p)

As cidades coloniais brasileiras são essenciais neste contexto, que seguem construindo um futuro, de um passado mítico, realizado na imagem do Brasil colonial. A existência de núcleos de preservação histórica e cultural é fundamental para a manutenção dos bens culturais de natureza material e imaterial;

assim como os relatos e vestígios de determinada época, testemunham sobre o contexto e seus habitantes.



Detalhe de porta e janela em casa de Paraty, RJ (Google imagens)

Paraty é uma Villa histórica do século XIX, com construções de um padrão construtivo do século XVIII que foi aprovado em 27 de julho de 1799. Este código de posturas padronizava a altura das casas, sobrados e as dimensões das portas dessas edificações. Este padrão junto ao código de posturas de 1829, tornaram Paraty uma cidade colonial, das quais as casas foram construídas no tempo no período colonial. (COTRIM, 2012)

Para preservar os bens culturais do centro histórico, e cuidar do crescimento dos demais bairros de Paraty, segue um trecho que representa a ação da diretoria do IPHAN.

Em primeiro lugar, o conjunto urbano era considerado uma “obra de arte” acabada, de aspectos plásticos homogêneo, cuja conservação constituía a finalidade das operações [...] Em segundo, distinguíam-se duas categorias de edificações; as “modistas” que formava o casario e que conteriam homogeneidade ao conjunto e as “monumentais” consideradas obras de arte isoladas dentro de uma obra de arte maior (a cidade) [...] Para as modistas, o critério de preservação era o de analogia aos exemplares contemporâneos e de estilo assemelhado, com o cuidado especial dos elementos da fachada, de forma a fazer com que cada edificação se diluísse no conjunto casario-conhecido como critério de reprodução estilística. (CURY, 2008, p.145)

Conforme já foi mencionado neste trabalho, o crescimento da cidade de Paraty está relacionado aos anos de contrabando de escravos durante o Caminho

do ouro, a importância estratégica do porto da cidade e escoamento do café na primeira metade do século XIX. O arquiteto Paulo Mendes da Rocha escreve uma análise sobre as questões da cidade e como a mesma atendia às carências locais, tornando-se solução para as necessidades humanas.

Nesta fantástica aventura de construir o habitat humano na natureza, que por si não é, surge uma indagação muito curiosa: entretanto, porque neste lugar? Justamente por tudo aquilo que é visível. Em primeira instância não é próprio para que se faça uma cidade. Um confronto das águas com o mar, que faz tudo mais fluido, muito frouxo, lamas, mangues, algo que não sustenta uma simples casa, como entretanto, aí construímos uma Paraty?[...] A cidade surge como um projeto, no sentido da palavra, dos mais altos desejos e necessidades humanas. (ROCHA, In, Flip, 2014 s/p)

Ante as possibilidades de transformações ocasionadas pela facilidade de acesso com a criação da Rio-Santos (BR101) em 1970, a diretoria do Patrimônio histórico e Artístico nacional junto a seu corpo técnico, intervém para preservar o acervo arquitetônico e paisagismo característico regional. É de suma importância a conservação histórica dos bens culturais para uma melhor compreensão e entendimento de parte da nossa história. Aristóteles afirma em “Arte poética” que o historiador e o poeta não se diferem pelo estilo de narrativa que optaram por escrever, prosa ou verso, mas “porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido” (ARISTÓTELES, s/p)

O bairro histórico de Paraty é poesia muda. Sendo a cidade, o próprio mito que segue transmitindo às futuras gerações história e cultura por intermédio de suas linhas simples. “Porque, afinal de contas, as pessoas querem salvar coisas”? (LOWENTHAL, p XIX) (Artigo: como inventar tradições: A poética de Lúcio Costa e a formação do acervo colonial de Paraty, RJ. Por Daniella Costa, PPGAU.

9.1 – Sobre Janelas

“Existem manhãs em que abrimos a janela e temos a impressão de que o dia está nos esperando” (Charles Baudulaire)

Janela, fenestra ou ventana é uma abertura, um elemento de vedação arquitetônica, como uma parede. Ela possibilita a ventilação e insolação dos ambientes internos. Pelo fato de remeter ao exterior, pode ser apontada como ângulo de visão, concede a entrada de luz e ar, permite a extensão do olhar observador. Símbolo da receptividade; aberturas para influências vindas de fora. É considerada símbolo da consciência, ou um portal para o inconsciente. (Wikipédia)

Uma informação curiosa a respeito das janelas de Paraty está associada ao fato de que a proporção dos vãos entre as janelas, em que o segundo espaço é o dobro do primeiro, e o terceiro é a soma dos dois anteriores; isto é $A+B=C$, ou seja, a soma das partes é igual ao todo, que se resume no triângulo áureo de concepção maçônica. (Paraty.com.br)

Um dos atrativos da cidade de Paraty, em um primeiro momento pode ser atribuído as cores e formatos das janelas, assim como todo conjunto colonial. O primeiro motivo que estimulou a pesquisa e desenvolvimento deste tema foram as janelas. Uma admiração pelas formas simples do colonialismo, que ilustra parte de um período histórico brasileiro.



Janelas de Paraty (Pinterest)

O fotógrafo português Andre Vicente Gonçalves, produziu um projeto intitulado “Windows of the world” que consiste em colagens com fotografias de regiões distintas ao redor do mundo, apresentando o estilo predominante de cada localização. Para André, além das formas e cores, o encontro da arquitetura, a identidade de cada cidade e a forma como consegue identificar épocas através das janelas, lhe chama atenção para o registro fotográfico. (huffpostbrasil.com)

10.0 - Identidade e cultura paratiense

Na concepção sociológica, a identidade compreende a superfície externa e interna entre o mundo pessoal e público. Somos inseridos nas identidades

culturais integrando-nos a seus significados, hábitos e valores, somados a nossos significados, ocupando nosso lugar no mundo físico e social.

Para o sociólogo Stuart Hall, [...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno [...] (HALL, 2006, p. 9). Em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade (2006)” o autor fala sobre uma transformação na estrutura da sociedade moderna ocidental, no fim do século XX, período que o autor caracteriza de “modernidade” tardia, segmentando as “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade (HALL, 2006, p. 9)

Para Hall, em outrora, eram as “paisagens culturais” que ofereciam o pertencimento de um indivíduo no contexto social, e sua segmentação significaria perder “o sentido de si”, a permanência de si mesmo, acarretando um deslocamento do sujeito, originando uma “crise de identidade”.

Em “Memória e identidade” o professor de Antropologia Joel Candau, fala sobre uma “crise de pertencimento”, existindo uma ausência de referências e identidades. Segundo Candau, a memória nos modela, e ao mesmo tempo, é por nós também modelada. A memória fortalece a identidade, em nível pessoal e coletivo, sendo patrimônio uma dimensão da memória.

Após o tombamento de Paraty, várias pessoas que buscaram morar na cidade, desejavam um lugar tranquilo, longe dos grandes centros urbanos. Esses “novos moradores” observaram mudanças e alterações da cidade em decorrência do turismo; originando uma carência de expansão e deslocamento de alguns moradores antigos do bairro histórico, dando lugar ao comércio, redes de hotelaria e turismo. Como forma de preservação ao centro histórico de Paraty, moradores uniram-se ao IPHAN para compor a identidade local baseadas em memórias de fatos e acontecimentos passados, juntamente à paisagem e manifestações culturais.

O isolamento da cidade após o apogeu do ouro, foi essencial para a permanência dos valores culturais locais, destacando-se o artesanato utilitário. O resurgimento econômico e desenvolvimento que a cidade alcançou, estão diretamente relacionados ao turismo cultural. A FLIP (Festa literária internacional de Paraty), festa da cachaça e festivais de música, são parte do calendário cultural e

turístico paratiense. (Referências retiradas do Artigo: Apropriações e percepções sobre o bairro histórico de Paraty-RJ/ Por Mariana Freitas Priester)

Como resultado da influência global estimulada pelo turismo, ocorre a “homogeneização cultural”, estendendo o sentido de segmentação das identidades. Paraty é efervescência de cores, idiomas, estilos, arte, música e encontro de pessoas de diversos lugares que vão até a lá para apreciar a paisagem natural e arquitetônica da cidade. Essa movimentação leva a uma pluralidade de identidades que se encontram e passam pelas ruas, gerando uma profusão de significados e experiências que podem interferir na vida de quem passa pela cidade ou nos habitantes locais.

Entretanto, envolta a tantas influências fomentadas pela movimentação turística, encontra-se o Centro de Arte e tradições populares de Paraty. É uma mostra dos costumes, religiosidade e fé do povo paratiense. O centro cultural encontra-se no Forte Defensor Perpétuo, construído em 1703. Embora o progresso provocado pela Rio-Santos tenha alterado aspectos da cidade, os valores e tradições são lembrados pelo povo. Podemos citar a tradicional festa do Divino, tradicional em Paraty desde o século XVIII; assim como o artesanato é um símbolo identitário local.

Rico e diverso, o artesanato desenvolve-se na orla marítima, existe a confecção de remos, barcos, redes de pesca, velas de embarcação, gamelas de madeira e balaios. Encontra-se no centro histórico da cidade; topetes, cortinas, peças de vestuário, bonecas de pano, flores de papel, crochê, cerâmicas, pinturas, arte indígena, lojas que oferecem objetos feitos na cidade, além de diversos ateliers de arte que enriquecem a cultura paratiense. (paratyvirtual.com.br) Paraty é história, cor, fé, caminhar lento por ente as pedras irregulares. É mistura cultural; parte do Brasil visto de suas linhas simples.

10 MODA E IDENTIDADE CULTURAL

Moda é uma forma específica de mudança social, independente de qualquer objeto particular; antes de tudo, é um mecanismo social caracterizado por um intervalo de tempo particularmente breve e por mudanças mais ou menos ditadas pelo capricho, que lhe permitem afetar esferas muito diversas da vida coletiva. (LIPOVETSKY, 1994, p.16)

Esta profusão de elementos físicos, naturais, culturais e sociais, no encontro do cenário histórico mediante a globalização trazida pelo turismo (relacionada à Paraty), pode ser traduzida em inspiração para a moda. Entre as transformações de identidades que estão em “construção”, os itens de consumo de moda, surgem como uma das primeiras formas de expressão dessas identidades.

Nessa perspectiva, o que é consumido está relacionado ao individual e coletivo, contexto do qual se está inserido; por meio de suas escolhas materiais e imateriais, ligadas ao seu estilo de vida. (Artigo Moda, cultura e identidades. (Por Maria Eduarda Araújo Guimarães, 2008)

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas __ desalojadas __ de tempos, lugares, histórias e tradições específicos parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 1998).

Atualmente, a moda pode ser definida pela pluralidade estilística. Evidentemente, a ampliação da vida moderna é seguida por uma pluralização na moda. Sendo disseminada, a moda leva à diversidade, mudanças visuais no lugar da uniformidade. Observa-se um perfil semelhante da moda em relação ao modernismo: a ruptura de tradições e o alento constante para alcançar “o novo”. (SVENDSEN, 2004)

Paraty, como uma cidade que apresenta uma significativa efervescência cultural, é um ambiente favorável para a observação dessas pluralidades estilísticas. Há uma mistura visual percebida entre seus habitantes locais e os diversos turistas que surgem de muitas partes do Brasil e do mundo. Por ser uma cidade cercada de praias e clima tropical, geralmente as pessoas optam por peças mais leves para o dia - dia na cidade. Contudo, é notável que existam detalhes e elementos que diferem os vestuários, tornando-se variáveis e relacionados a questões como estilo pessoal, conforto, funcionalidade e informações de moda.

Para o autor Lars Svendsen, identidade não é algo dado, imutável. Há uma necessidade de ser contada inúmeras vezes, mudando cada vez que é recontada. Este fato é associado às sociedades modernas e pré-modernas, sendo que os indivíduos criam narrativas de si mesmos, uma vez que as narrativas comuns não possuem mais tanta força. (SVENDENSEN, 2004)

O fenômeno da moda altera-se ao longo do tempo. Pertence ao desenvolvimento das civilizações, tendo o vestuário como objeto de identificação, caráter distintivo social, um processo comunicacional. Para Malcolm Barnard, parte da função do vestuário é tornar a sociedade possível, ser parte da produção e reprodução de posições pelo poder relativo dentro de uma sociedade (BARNARD, 2003)

CONCLUSÃO

Com a finalidade de explorar e conhecer a cidade de Paraty, tema deste trabalho, foi realizado um resgate histórico resultando na criação de uma coleção de moda. Buscou-se uma análise de acontecimentos importantes relacionados à cidade; motivos que garantiram a preservação de seu conjunto arquitetônico colonial, sendo este, uma das referências fundamentais para a criação das peças. As linhas simples da arquitetura harmônica da cidade, cores vibrantes presentes nas janelas, formas geométricas encontradas nos casarões, bem como o desencontro das ruas irregulares de Paraty, são elementos que permeiam toda a coleção; presentes em recortes, modelagens, decotes, mangas e detalhes.

No decorrer da pesquisa, foram encontradas referências históricas desde o Brasil colônia; as influências de fatores políticos, sociais e culturais que constituíram a história paratiense. Observou-se que o turismo é um aspecto relevante e presente na cidade desde a década de 70. Referente a isso, um grande fluxo de pessoas frequenta a cidade originando um encontro de identidades local e externas; ou seja, grupos distintos integram-se em uma mesma área. A moda pode ser vista como agente transformador expressivo, participando dos processos culturais que se apresentam em alterações contínuas; uma vez que o vestuário é parte da “cultura material”, estando sob influência das múltiplas mudanças e identidades culturais.

Conclui-se o presente estudo, com uma coleção de moda chamada “Da janela vi Paraty. A partir das pesquisas realizadas e a observação de elementos que caracterizam a cidade, informações e imagens foram traduzidos em inspiração para a concepção da coleção.

COLEÇÃO “DA JANELA VI PARATY”

Da janela se vê a vida. Sente que existe. Da janela, o olhar passeia por entre cores e contrastes. A temática desta coleção encontra-se cercada de encantamento pelas linhas simples da cidade de Paraty, utilizando elementos que caracterizam a cidade como fonte de inspiração. Para transmitir leveza, frescor e uma beleza atemporal, um reflexo de Paraty, o linho é a matéria prima da coleção. A delicadeza e transparência manifestas no tecido conferem um visual refinado, porém, desprezioso, peculiaridade deste tecido nobre e confortável.

A cartela de cores é uma referência direta às inúmeras janelas, pinceladas em tons vibrantes como: azul Hortência, amarelo e laranja. Tonalidades neutras como branco e caqui oferecem equilíbrio e sofisticação às peças, pontuando o visual harmônico das casas da cidade. As criações entre vestidos, saias, cropeds, apresentam-se em cortes retos, próximas ao corpo, entre comprimentos médio e longos, oferecendo conforto e praticidade. Elementos geométricos presentes nos casarões da cidade são representados em recortes, detalhes e mangas. As irregulares ruas paratienses aparecem representadas em decotes e linhas propositalmente tortas. Linhas coloridas que dão formato e contornam as janelas, componente atrativos deste tema, são evidenciadas nas mangas e barras, cercando as peças de cores. Afinal, a vida colorida é mais feliz. O caminhar por Paraty é lento. Ideal para apreciar a vida em cores. Olhar da janela, uma aquarela de natureza e história. Da janela vi Paraty.

OF THE WINDOWS OF PARATI

ABSTRACT

This article deals with the city of Paraty, from colonial Brazil, largely based on the work of Laima Mesgravis. In that scenario, the strategic location of the port of Paraty, between Minas Gerais and Rio de Janeiro during the gold cycle, increased the city to a growing commerce, prosperity associated with slave trade, production of brandy and coffee. The city has gone through a long period of economic decay, stagnation and isolation. This event, collaborated for its historical and architectural preservation. Later, with the opening of Rio-Santos (BR101), a new era of splendor began, fomented by tourism, present until the present day. Paraty is cultural effervescence, stimulated by intense tourism.

KEYWORDS: Paraty; Fashion; Culture; Windows; Story.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d.

ARISTÓTELES. A arte Poética. Tradução Paulo Costa Galvão.
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2235.

BARNARD, Malcolm. Moda e comunicação. Rocco, 2003

CAMPOS, Raimundo Carlos Bandeira. Estudos de história do Brasil. São Paulo: editora Atual, 1999

CANDAU, Jöel. Memória e Identidade. São Paulo. Contexto, 2014

COSTA, Daniella. Como inventar tradições: A poética de Lúcio Costa e a formação do acervo colonial de Paraty, Rio de Janeiro, PPGAU/ Universidade Federal Fluminense, 2016

COSTA, Lúcio. Documentos de Trabalho. PESSOA, José S. de Belmont (org.), Rio de Janeiro: IPHAN, 1999

COTRIM, Cássio Ramiro Mohallem. Villa de Paraty. Rio de Janeiro: Capivara 2012

CURY, Isabelle. A evolução urbana e fundiária de Parati. Do século XVII até o século XX, em face da adequação das normas de proteção de seu patrimônio cultural. In. Oficinas de Estudo da Preservação. Rio de Janeiro: IPHAN-RIO, 2008. Col. I

DONA ONDINA <http://www.donaondina.com.br/paratyrestaurantes/sobre-paraty/>

GOOGLE imagens

FAUTO, Boris. História do Brasil, 1996 <http://limendi.com.br/wp-content/uploads/2015/10/historiadobrasil.pdf>

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. Moda, cultura e identidades. UFBA Salvador 2008

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006

HISTORIA DO BRASIL

https://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/crise_acucar.htm

https://www.historiadobrasil.net/brasil_monarquia/bandeira_imperial.htm



HISTORIA BRASILEIRA <http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/trafico-de-escravos-para-o-brasil/>

HUFFPOSTBRASIL https://www.huffpostbrasil.com/daniela-schwanke/pelas-janelas-do-mundo-uma-entrevista-com-o-fotografo-andre-vic_a_21687572/

INSTITUTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PARATY.
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>

TOKE, Jornal <https://toqe.wordpress.com/2016/04/22/dia-da-chegada-dos-portugueses-ao-brasil/>

LEMOS, Carlos. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1981

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero. São Paulo. Companhia das letras, 2009

LOWENTHAL, David. The Past is a foreign country. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MAPA DA CACHAÇA <http://www.mapadacachaca.com.br/artigos/historia-das-cachacas-de-paraty/>

MESGRAVIS, Laima. História do Brasil colônia. São Paulo: Contexto, 2017

PARATY. <http://www.paraty.com.br/maconaria.asp>

PRIESTER, Mariana Freitas. Apropriações e percepções sobre o bairro histórico de Paraty. Mariana, MG, 2016

REVISTA SUPERINTERESSANTE. Adaptado do livro 1808, por: Jornalista Lautentino Gomes, publicada em 30/06/2017

REVISTA VEJA. A aventura do descobrimento, nº17: editora Abril, 2000

RIO DE JANEIRO AQUI http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/paraty_historia-2.html

ROCHA, Peixoto Gustavo. Um Patrimônio De Palavras. Plano Estadual de cultura Rio de Janeiro, ago., 2012.

RUSSELWOOD. O Brasil colonial: o ciclo do ouro, c. 1690-1750
<https://docs.ufpr.br/~lgeraldo/textosbrasila/russelwood.pdf>

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo: editora Moderna, 1995

SVENDSEN, Lars. Moda: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

TOK DE HISTÓRIA. <https://tokdehistoria.com.br/tag/ciclo-do-algodao/>

WIGLEY, M. Debate Session. In: Preservation and Reanimation through Contemporary Art and Architecture. Lopud, Croatia, 2007

